ISSN: 2358-8829

MEMÓRIA, DOCUMENTOS E FORMAÇÃO: REFLEXÕES E PRÁTICAS A PARTIR DO ACERVO HISTÓRICO LUIZ BYRON P. TORRES

Jonas Ferreira dos Santos [1]
José Adelson Lopes Peixoto [2]

INTRODUÇÃO

Na trajetória dos cursos de Licenciatura em História no ensino superior, experiências vivenciadas por graduandos enfrenta o desafio de superar abordagens meramente teóricas ou instrucionais, que dissociam o aprendizado historiográfico da realidade concreta do ensino de História na Educação Básica. Conforme denunciam Belletati, Pimenta e Lima (2021), a formação docente vem sendo frequentemente reduzida a uma visão tecnicista e instrumental, que fragmenta a docência em um conjunto de habilidades práticas do "como fazer", desvinculando-a da reflexão crítica. Na vivência acadêmica do futuro professor de História, essa concepção tenciona o curso ao limitá-lo à simples transmissão de conteúdos historiográficos consolidados, distanciando o licenciando tanto da investigação artesanal com as fontes primárias quanto do compromisso ético e político com a transposição pedagógica e da realidade escolar.

Diante desse cenário, a inserção de estudantes de graduação em projetos de iniciação científica voltados para o tratamento, salvaguarda e difusão de acervos documentais regionais configura-se como um campo fecundo de aprendizagem profissional. Dito isso, este trabalho constitui-se como um relato de experiência fundamentado nas atividades desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) 2025-2027, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL), junto ao Acervo Histórico Luiz Byron Passos Torres do Grupo de Pesquisa em História Indígena de Alagoas (GPHIAL), sediado no Campus III da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), em Palmeira dos Índios.

[1]Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Alagoas- AL, jonas.ferreira.2024@alunos.uneal.edu.br
[2]Professor Titular na Universidade Estadual de Alagoas – AL, coordenador do Grupo de Pesquisas em História Indígena de Alagoas - GPHIAL, adelsonlopes@uneal.edu.br. adelsonlopes@uneal.edu.br .

A problemática que orienta esta reflexão desdobra-se na indagação de que maneira a vivência prática e cotidiana com o manuseio, a conservação preventiva, a catalogação e a digitalização de registros históricos regionais mobilizam o debate entre história e memória e como a lida direta com as fontes contribui para a formação de professores-pesquisadores conscientes de sua função pedagógica e social?

O objetivo principal desta atividade é analisar a relação entre memória, preservação documental e formação docente a partir das práticas exercidas no Acervo Luiz Byron P. Torres, discutindo como a pesquisa documental atua como princípio formativo da identidade profissional do licenciando em História. Para tanto, busca-se demonstrar que o tratamento técnico de fontes não se esgota na dimensão arquivística, mas desdobra-se em uma atitude investigativa e crítica que qualifica a futura atuação no chão da escola básica e promove a democratização do patrimônio histórico local.

A estrutura deste artigo organiza-se em seções sequenciais, em primeiro lugar, detalha-se o percurso metodológico partindo da trajetória do GPHIAL e a gênese e composição do Acervo Histórico Luiz Byron Torres bem como as etapas operacionais desenvolvidas no projeto; em seguida, desenvolve-se a fundamentação teórica que entrelaça os conceitos de memória e operação historiográfica (Bloch, Le Goff, Certeau) às teorias da formação docente reflexiva (Pimenta); por fim, discutem-se os resultados formativos e as implicações pedagógicas para a Educação Básica, seguidos das considerações finais.

METODOLOGIA

Metodologicamente, este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência de natureza qualitativa e caráter analítico-formativo. Descreve e problematiza as atividades operacionais executadas no âmbito do projeto de pesquisa PIBIC/FAPEAL intitulado "No início era o vale: Palmeira dos Índios em documentos e imagens", desenvolvido no Acervo Histórico Luiz Byron P. Torres sob orientação do Professor Dr. José Adelson Lopes Peixoto.

Para situar a práxis metodológica adotada no campo, faz-se necessário apresentar o espaço institucional de acolhimento e a gênese e composição do próprio acervo investigado. O Grupo de Pesquisa em História Indígena de Alagoas (GPHIAL) está sediado no Campus III da UNEAL, em Palmeira dos Índios. A gênese do grupo remonta

ao ano de 2002, quando se constituiu um núcleo de estudos motivado pela incômoda constatação da negação sistemática da presença indígena no cenário municipal e pela recorrente folclorização das identidades nativas nos discursos locais. Em junho de 2009, o grupo foi oficialmente institucionalizado como diretório de pesquisa independente no CNPq.

Estruturado em torno da linha de pesquisa "Identidade, memória, religião, território e protagonismo indígena", o GPHIAL tem por missão a produção, salvaguarda e difusão de conhecimento acadêmico articulado às demandas sociais e étnicas do Agreste alagoano. Rompendo os muros universitários por meio de oficinas, palestras e fóruns pedagógicos realizados em escolas públicas de Educação Básica, além de atuar como polo de formação que tem inserido diversos egressos em programas de pós-graduação *stricto sensu.*

No coração dessa estrutura encontra-se o Acervo Documental Luiz Byron P. Torres, a trajetória de formação desse acervo remete ao trabalho obstinado do memorialista e escritor palmeirense Luiz de Barros Torres (1926-1992), que reuniu ao longo de sua vida um vasto conjunto de manuscritos, certidões paroquiais, atas da intendência municipal e exemplares da imprensa periódica regional datados do século XVIII ao século XX.

Após o falecimento de Luiz de Barros Torres em 1992, seu filho, o comerciante Luiz Byron Passos Torres, assumiu a custódia e ampliou a coleção, incorporando expressivo acervo fotográfico e registrando depoimentos de antigos moradores em fitas de vídeo no âmbito do projeto de história oral. Com a morte de Byron Torres em 2006, sua esposa, efetuou a doação integral da coleção ao Professor Dr. José Adelson Lopes Peixoto por reconhecer seu compromisso científico com a história local. O acervo foi então transferido para uma sala na UNEAL (Campus III), em Palmeira dos Índios-AL, e hoje se encontra sob domínio do referido grupo.

Atualmente, o acervo destaca-se por sua composição multidimensional e heterogênea. O fundo imagético reúne mais de 10.000 fotografias históricas que documentam a evolução urbana de Palmeira dos Índios, praças, igrejas, feiras livres, festividades populares, vida política, grupos familiares e a cobertura visual do Museu Xucurus. Destacam-se, ainda, os registros fotográficos das explorações arqueológicas conduzidas por Luiz de Barros Torres em 1971 na serra da Boa Vista, nas quais foram

localizadas 35 urnas funerárias (*igaçabas*[3]) e marcos territoriais indígenas, fontes que comprovam a presença ancestral.

Além do acervo iconográfico, o repositório custodia coleções de jornais impressos como a *Tribuna do Sertão* e *O Índio* (1920-1925); coleções de fitas VHS e DVD da série "História Oral de Palmeira dos Índios"; manuscritos originais de obras literárias e uma preciosa documentação cartorária e administrativa que inclui escrituras de compra e venda de pessoas escravizadas, cartas de alforria, registros contábeis municipais e correspondências.

O acervo recebeu ampliações significativas ao longo dos anos, tais como a doação do acervo do Núcleo de Antropologia Visual de Alagoas (AVAL/UFAL), agregando pesquisas sonoras e visuais, além de doações do antropólogo Clóvis Antunes, cujo fundo documental concentra importante volume de registros sobre a questão indígena em Alagoas. É no manuseio diário desse vasto patrimônio documental que são exercidas as atividades do PIBIC, que muito têm contribuído no aprendizado acadêmico.

A partir desse repositório, as atividades metodológicas e operacionais executadas no projeto, desenvolveram-se em etapas encadeadas. Na primeira etapa, referente à higienização física preventiva, o trabalho inicia-se pelo diagnóstico do estado de conservação dos documentos manuscritos e impressos que apresentam elevada fragilidade e acidificação. Para a execução da limpeza, são utilizados, obrigatoriamente, alguns equipamentos por mais simples que sejam, sendo eles luvas descartáveis e máscaras. A higienização consiste no uso cuidadoso de pincéis de cerdas macias e pó de borracha neutra, para a remoção de poeiras sem rasurar a escrita original, em alguns casos acompanhada do delicado desmonte de metais oxidados (grampos e clipes enferrujados) para desobstruir o processo de digitalização.

A segunda etapa compreende a organização e classificação para a elaboração de catálogo digital. Embora projetos anteriores de PIBIC já tivessem estabelecido a identificação preliminar do acervo, o objetivo desta parte é a organização do catálogo de fontes sobre a formação de Palmeira dos Índios, ordenando os documentos por subáreas temáticas. Vale ressaltar que os materiais serão devidamente organizados em um banco de dados e, posteriormente, disponibilizados para acesso on-line.

[3] Espécie de pote de barro, usado como urna funerária pelos Xukuru-Kariri. Nele, o corpo era colocado em posição fetal e assim devolvido à terra, considerada a mãe que recebia o filho de volta ao seu ventre.

ISSN: 2358-8829

A terceira etapa, diretamente ligada a anterior, foca na digitalização sistemática e preservação digital. Utilizando um Scanner de Mesa Planetário (equipamento tecnológico que realiza a captura de imagens pela parte superior sem pressionar ou danificar a encadernação e as fibras do documento) efetuamos a digitalização de páginas manuscritas, edições de jornais e fotografias. As imagens capturadas são processadas, organizadas em arquivos no formato PDF e colocadas em pastas de papelão neutro em um dispositivo externo. Esse procedimento atinge um duplo objetivo, interrompe o desgaste físico provocado pelo manuseio constante dos originais e constrói o repositório digital que alimenta o banco de dados. Vale ressaltar, que todo esse fluxo de trabalho no acervo é continuamente acompanhado por leituras bibliográficas e reuniões de orientação, nas quais as rotinas técnicas são problematizadas sob a luz dos referenciais teórico-conceituais.

REFERENCIAL TEÓRICO

A construção deste relato de experiência sustenta-se em uma articulação teórico-conceitual que conecta a crítica historiográfica e arquivística aos pressupostos da educação crítico-dialética. Longe de tratar a conservação documental como mera técnica neutra ou a formação docente como mero adestramento, buscamos fundamentar a indissociabilidade entre o fazer histórico e a constituição do professor-pesquisador.

No âmbito da Ciência Histórica e da Operação Historiográfica, o ponto de partida é o pensamento de Marc Bloch (2001) em sua obra clássica *Apologia da História ou o Ofício de Historiador*. Bloch define que o historiador não é um mero colecionador passivo de papéis velhos e que as fontes históricas não falam por si sós, os documentos respondem quando são interrogados a partir de questionamentos e problemas formulados pelo pesquisador. Assim, o profissional da história atua como um sujeito ativo que seleciona, problematiza e interpreta os vestígios do passado à luz do presente.

A relação dialética entre história e memória é aprofundada a partir das contribuições de Jacques Le Goff (2003) e Pierre Nora (1993). Le Goff (2003) adverte que o documento não é um testemunho neutro, mas o resultado de escolhas e intencionalidades da sociedade que o produziu. O documento traz em si a tensão entre o *documento-monumento*, construído para eternizar determinada memória dominante e o registro que precisa ser desmontado criticamente pelo historiador. Pierre Nora (1993), por sua vez,

conceitua o arquivo como um "lugar de memória", onde a sociedade deposita seus vestígios na tentativa de combater o esquecimento. Para compreender a dimensão da produção escrita do conhecimento histórico, evoca-se Michel de Certeau (1982), que define a escrita da história como uma "operação historiográfica" indissociável de um lugar social, de um conjunto de práticas disciplinares e de uma escrita específica.

Na dimensão do ensino, Samara e Tupy (2010) ressaltam o valor pedagógico dos documentos como recursos indispensáveis, demonstrando que o manuseio das fontes primárias permite aos estudantes compreenderem o conhecimento histórico em sua historicidade e construção, afastando visões dogmáticas e estáticas.

Se o campo historiográfico fornece as ferramentas para ler o documento, a teoria educacional crítico-dialética fornece os alicerces para compreender a formação do sujeito que lê. Nesse horizonte, a fundamentação apoia-se centralmente nos trabalhos de Selma Pimenta (1996) e Belletati, Pimenta e Lima (2021).

Nas obras, Pimenta e as demais autoras travam uma contundente crítica ao modelo neotecnicista da formação de professores, intensificado no Brasil por políticas curriculares neoliberais como a Resolução CNE/CP nº 2/2019 (BNC-Formação). Essa legislação reduz a atividade docente a um conjunto de "competências" e "habilidades" instrumentais e comportamentais, transformando o professor em um mero executor de currículos elaborados por especialistas externos ou grupos privados (Belletati; Pimenta; Lima, 2021).

Para Pimenta (1996), a pesquisa deve ser assumida como princípio formativo em todas as etapas da licenciatura. O futuro professor que aprende a pesquisar não recebe a realidade escolar ou o conhecimento histórico de forma passiva, mas desenvolve uma atitude investigativa permanente e mobiliza a tríade dos saberes da docência: Os saberes da experiência, advindos da vivência e da reflexão sistemática sobre a prática; Os saberes do conhecimento específico, no caso, o domínio crítico das ciências históricas e de suas fontes e os saberes pedagógicos, compreendidos como reflexão crítica da prática contextualizada, problematizando o por que, para que e para quem ensinar (Pimenta, 1996, p. 76-81)

A síntese desse diálogo teórico revela que a atuação no Acervo Luiz Byron Torres, ao manusear, higienizar e digitalizar documentos, a articulação dos saberes específicos da História (Bloch, Le Goff, Certeau) com os saberes pedagógicos da formação docente (Pimenta) nos leva a compreensão de que preservar e democratizar o acesso às fontes

primárias é um ato de investigação científica, de escuta ética e de compromisso com a transformação do ensino na Educação Básica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados decorrentes da vivência prática no acervo desdobram-se em duas dimensões fundamentais, a primeira delas é o impacto na constituição da identidade profissional do licenciando, e a segunda, a contribuição para a democratização da memória local e do ensino de História na Educação Básica.

No plano da formação docente, a inserção contínua na rotina do arquivo proporcionou a passagem de uma postura receptiva passiva para uma atitude investigativa e problematizadora. Ao confrontar manuscritos, jornais de época e registros cartorários por exemplo, pode ser percebido, na prática, que a fonte histórica não carrega verdades prontas, exigindo do pesquisador a formulação de perguntas consistentes, o cruzamento de evidências e o reconhecimento das intencionalidades subjacentes ao documento. Desenvolveu-se, assim, o que Pimenta (2002) conceitua como a articulação dos saberes disciplinares específicos aos saberes da experiência, fortalecendo a autonomia intelectual do futuro professor.

No âmbito da crítica documental e ética historiográfica, o contato com o repositório permitiu dar visibilidade a vozes e sujeitos historicamente marginalizados na narrativa oficial do Agreste alagoano. O acervo guarda valiosa documentação sobre a presença e a resistência do povo indígena Xukuru-Kariri de Palmeira dos Índios. A análise reflexiva dos registros fotográficos sobre as escavações arqueológicas de 1971, na serra da Boa Vista, por exemplo, revelou a necessidade de problematizar tais práticas, pois se por um lado as descobertas de igaçabas comprovaram a ancestralidade nativa perante discursos negacionistas locais, por outro lado representaram a violação de cemitérios sagrados (perspectiva da própria comunidade). Essa percepção desenvolve a sensibilidade ética e a consciência de que a pesquisa histórica envolve um compromisso ético de escuta e devolução social.

No que tange às implicações para a Educação Básica, os resultados demonstram que a salvaguarda e a digitalização das fontes superam os limites da preservação acadêmica. A conversão de imagens e documentos para formato digital (PDF), associada à sua futura disponibilização no portal do GPHIAL, constitui uma ferramenta direta de

democratização do patrimônio histórico. Professores da rede pública municipal e estadual passam a dispor de um banco de dados primário sobre a história regional, possibilitando a construção de oficinas e sequências didáticas fundamentadas em fontes locais. Esse processo fortalece a transposição pedagógica e incentiva os estudantes da Educação Básica a desenvolverem a cognição histórica a partir da análise dos documentos de sua própria comunidade, superando a dependência exclusiva de livros didáticos genéricos e descontextualizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência desenvolvida no Acervo Histórico Luiz Byron Passos Torres, vinculado ao GPHIAL e ao programa PIBIC na UNEAL, comprova que a inserção de estudantes de licenciatura no trabalho com acervos documentais e constitui uma estratégia pedagógica de elevado valor para a formação de professores de História.

A experiência demonstrada ao longo deste relato confirma que a conservação e a digitalização de fontes primárias ultrapassam a dimensão arquivística e configuram-se como um verdadeiro laboratório de iniciação à pesquisa historiográfica e à docência crítica. Ao problematizar os vestígios documentais dos séculos XVIII ao XXI à luz de autores como Marc Bloch, Jacques Le Goff e Michel de Certeau, o licenciando apreende a natureza dinâmica e interpretativa da Ciência Histórica, superando a recepção passiva de conteúdo.

Simultaneamente, ao ancorar essa prática nos referenciais de Selma Garrido Pimenta, o trabalho demonstra como a pesquisa atua como princípio formativo indispensável para a constituição de professores intelectuais crítico-reflexivos. A imersão no acervo promove a articulação harmoniosa entre os saberes específicos da História, os saberes da experiência no manuseio das fontes e os saberes pedagógicos necessários para a transposição didática na escola básica, opondo-se ativamente às diretrizes neotecnicistas que tentam reduzir o docente a um mero executor instrumental.

Por fim, reafirma-se a importância de fortalecer os projetos de iniciação científica em acervos, sendo um caminho indispensável para qualificar a formação de licenciandos e para renovar o ensino de História nas escolas, reafirmando o compromisso da universidade com a preservação do patrimônio e a educação democrática.

Palavras-chave: Documentos, Ensino, História, Memória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço sinceramente à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL) pela bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) concedida, e à Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL - Campus III) pelo apoio institucional e por disponibilizar o espaço para o acervo. Minha gratidão também ao Grupo de Pesquisa em História Indígena de Alagoas (GPHIAL) ao qual faço parte e ao meu orientador, Prof. Dr. José Adelson Lopes Peixoto, por sua condução sempre generosa e intelectual ao longo desta pesquisa em desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

BELLETATI, V. C. F.; PIMENTA, S. G.; LIMA, V. M. M. Formar professores intelectuais crítico-reflexivos nos cursos de licenciatura apesar das diretrizes nacionais: transgressões possíveis. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 32, e021026, p. 1-32, jan./dez. 2021.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício de Historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

PEIXOTO, José Adelson Lopes. **Memórias e imagens em confronto: Os Xucuru-Kariri nos acervos de Luiz Torres e Lenoir Tibiriçá**. 2013. 140 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

PEIXOTO, José Adelson Lopes. **O que restou dos meus esquecimentos: a história vivida e a memória lembrada**. 2020. 81 f. Memorial (Para promoção à classe de Professor Titular). Universidade Estadual de Alagoas, Palmeira dos Índios, 2020.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor reflexivo. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 72-89, jul./dez. 1996.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Maria Isaura. **História & Documento: imagem e áudio**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.